

Resenha do Livro: Direita e Esquerda – Norberto Bobbio - Editora UNESP  
Para Revista COMFILOTEC  
Orientação: Prof. Dr. Thiago Calçado  
Disciplina de Filosofia Política

Daniele Cristina Santos de Souza  
Renan  
Ivanis Gomes Tibúrcio  
André Luis Oliveira Marcelo  
Guilherme de Souza Jesus  
Mariana Francine Silva Chiodo  
Sílvia Maria Fagundes  
Josinei Silva dos Santos  
Jonathan Teixeira Gomes

## **Capítulo 1: A distinção contestada**

Em um primeiro momento Bobbio ratifica a ideia de que a direita (destra) e a esquerda (sinistra) nunca saíram de moda ou da cena mundial, ou seja, estão presente de maneira paradoxal no imaginário e no senso comum, tanto social como político e até religioso, apresentando-se como uma *communis opinio*. Por este motivo nosso autor acrescenta que está díade entre direita ou esquerda pode ser encontrada em outros campos do conhecimento, tendo outros nomes, mas não excluindo sua contrariedade de um, em oposição a outro. E, para ilustrar esta ideia de oposições é apresentado alguns exemplos pelo autor como: a Sociologia que pensa a oposição entre (sociedade e comunidade); na Economia (privado e público); na Estética (clássico e romântico); na Filosofia (transcendência e imanência); esses são alguns exemplos que são utilizados, mais podem ser encontrados em outros campos do saber e nomeados de maneira diferente, porém apresentando oposições entre si.

É importante ressaltar que para Bobbio os termos que se contrapõem podem ser

formados com origens diferentes. Isto quer dizer que existem díades que são divergentes e outras que são harmoniosas. Isto é, existem opostos que se complementam e outros que se distinguem. Os termos direita e esquerda se originam-se da primeira origem, isto é, da divergência de sentido, de significado, da negação ou outro, por motivo de não se identificar com seu oposto. No entanto o pensador refletindo sobre a oposição direita e esquerda, tem consciência de sua historicidade, tendo clareza que estes termos é fruto de um momento onde a divisão entre direita e esquerda era bem clara e explícita, principalmente na (Revolução Francesa -entre os Jacobinos “direita” e girondinos “esquerda”). Em nossos dias atuais, esta divisão já não é tão delimitada. Por este motivo, Bobbio propõe que precisamos repensar e compreender conscientemente se ainda podemos utilizar estes termos na política. Todavia, esta distinção não desapareceu completamente, pois é usada para nomear os opostos e por este motivo não está totalmente perdida ou inutilizável. Por que, dizer que que estes termos são inúteis é não dá o devido merecimento necessário as ideias ou ideologias que estão imbricadas neles. É deste modo fechando os olhos para sua possível inadequação ou adequações de uso. Seria possível que a utilização desses termos no cotidiano naturalizou de tal modo que suas representações de sentido perderão sentidos? ou, não sabemos mais, direito o que seria a direita ou esquerda no meio político? Estas são algumas questões que suscita a crítica do autor sobre os termos. Nosso autor identifica que outros pensadores apontam para que estes termos de direita e esquerda, não são tão bons para ser utilizável no campo político, devido outras configurações existirem e outras questões perpassarem o campo sociológico, político e cultural, fugindo a um reducionismo de oposições. Isto é, segundo os perpetradores do termo, a velha dupla não dá conta de organizar toda as variantes que existem hoje no meio do cenário político, devido às parcerias partidárias e as modificações de partidos que ocorrem para se criar uma certa homogeneização política na efetivação da governança. Bobbio aponta que alguns estudiosos acreditam que os termos esquerda e direita estão esdrúxulos e podem ser trocados como por exemplo: progressistas ou conservadores, para dar conta não de termos contrapostos, mas de problemas que estão colocados no cenário social. Esta repulsa sobre os termos

direita e esquerda, vem da constatação que hoje as sociedade, já tem em conta a noção de pluralidade entre as relações e as questões que suscitam as relações disciplinares, interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. E, nesta perspectiva o pluriverso deste espaço, apontar para a ruptura do maniqueísmo que não responde as divisões, mais faz parte de um todo complexo das questões e das relações. Entretanto o pensador desloca esta crítica, feita a distinção de direita e esquerda por seus detratores, para fora do senso comum e propõe que tomemos uma nova atenção com um pouco mais de acuidade para percebemos que os opostos existem. Porém, hoje existe um centro que tem visibilidade e requer atenção. É possível compreender que este centro não corresponde aos opostos, mas é a parte que proporciona a distinção entre ambos. O que isso quer dizer, que o centro é a proporção que de um certo modo delimita seus oposto, porque existe parcelas do centro que são mais afinadas com a direita ou com a esquerda. Então percebemos que os opostos são a radicalização, enquanto o centro é a parte moderada entre seus opostos.

Novamente nosso autor percebe que ultimamente o centro vem tomando cada dia mais um vulto na cena política, dentro das democracias devido poderem se posicionar sem se apegar a nenhum dos opostos e podendo além do mais se afirmar como um centro que não pende nem para um lado, quanto mais para outro. Neste panorama é possível observar que pode existir direita contra esquerda; esquerda que tende para o centro; direita que tende para o centro, centro que tende para o próprio centro. Podemos explicar melhor esta pluralidade de aspectos de combinações que o autor apresenta deste modo. Existe esquerda “radical” que prefere defender seus pontos de vistas sem abrir a mão de nada; deste mesmo modo, existe direita que defende seus ideais sem abrir qualquer concessão gerando assim um “radicalismo”; também podemos acrescentar grupos de direita que tende ao centro como forma de moderação, não concordando com seu extremo *Destro* ; esta mesma situação pode ser visualizada na parte do grupos de esquerda que não concordam com tudo e preferem ser um pouco mais moderado, diante de seu extremo *sinistro*; porém existem grupos do centro que preferem ser de centro e defendem a ideia do “centrão” sem desejar criar diálogo com

seus extremos, criando assim outra visão para além dos extremos. Este cenário político segundo Bobbio não contribui muito para a proposição de ideias dentro da cena política, porque em qualquer proposta apresentada, haverá disputas que vão para além de um simples “sim” ou “não”, gerando uma multiíade de questões que vão para fora da discussão política.

Mesmo diante desta pluralidade de visões partidárias nosso autor ainda identifica que os opostos ainda tem grande relevância, pois quem está no centro não se definiu e é visto pelos demais dos opostos de maneira “falsa” ou com tendência a trocar de postura no primeiro momento oportuno. Observando este terceiro grupo caracterizado pelo centro, notamos que de um certo modo suas ações são de incluir. O grupo do centro que inclui tem a característica de ser dialético, porque não vê as duas partes como opostas, mas como complemento da mesma esfera política, criando e possibilitando negociações e propondo maneiras de organizar movimentos em conjunto. Bobbio entende que esta parte do centro que inclui se alimenta dos opostos criando força para possibilitar um campo de diálogo e proposição e não de confronto entre as divergências. Além do mais quem conseguiria em sua consciência, tomar uma posição de direita ou esquerda sem levar em consideração que as posições de ambas podem divergirem ou se assemelharem em uma mesma proposição política, deste modo gerando convergências e distanciamentos, causando uma decisão difícil de posicionamento. Um outro ponto relevante que o autor suscita é em relação às decisões políticas que versam sobre o destino da humanidade em relação à natureza, ou seja, como a humanidade se posicionará diante da destruição da natureza, ou um tema espinhoso que se refere ao aborto. Como os partidos políticos se posicionaram para dar uma resposta adequada a demanda do sim ou não para estas questões tão proeminentes da contemporaneidade. Entendemos que existe uma esquerda e uma direita que tem posicionamentos tão diversos.

Mesmo diante destas questões segundo nosso autor é necessário se pensar se existe uma direita ou uma esquerda para se posicionar diante de tantas questões novas que surgiram no cenário mundial, para serem pensadas e refletidas. Sabemos que ao longo

da história política sempre um extremo ficou com a posse do poder político, mesmo com evidentes parcerias, mas como poderia se pensar em uma resposta se ainda pensamos por opostos, muitas vezes. Como por exemplo em um sentido de guerra e paz, de ordem ou desordem, segundo o autor. Desvalorizar as oposições que conhecemos é não dar conta a estes fatos, e desmerecer a importância necessária para compreendermos a importância e as modificações que podem ocorrer com eles. É possível notar que nos últimos anos o autor percebe que existem muitas perguntas que questionam a existência da esquerda no cenário mundial, já que a mescla entre partidos se tornou uma coisa comum, porém vemos que até quem se intitula se esquerdista se pergunta se ainda existe este tipo de ideal. Todavia, nosso autor percebe que muitas questões estão sem discussão, porque não há interesse prorrogativo de serem refletidos.

E, aí vem a questão, pelo qual motivo? Para Bobbio isso se identifica simplesmente porque não percebemos que os extremos se modificaram, por falta de uma percepção clara. Como por exemplo, podemos citar a grosso modo a discussão sobre o aborto e feminismo que foram geradas no âmago do movimento esquerdista e está parada hoje; aí vem a pergunta por qual motivo? Será que não tem nenhuma mulher que deseja abortar por algum motivo? Será que não tem nenhuma mulher que exige direitos iguais ou oportunidade de opções? Será que a velha díade entrou em colapso ou não percebemos que algum lado se sobrepõe ao outro? Em meio essa visão nosso autor questiona e percebe que perguntas precisam ser feitas. Como por exemplo: o que é a esquerda? Será que existe a esquerda? ou, o que dela restou? E Bobbio, acrescenta que é possível pensar que existem várias esquerdas e várias direitas, devido a não visualização mais clara dos posicionamento de ambas. Ou, questionar como podemos caracterizar uma esquerda ou direita, diante de tanta pluralidade existente no cenário político, Deste modo Bobbio faz uma manobra engenhosa e significativa no cenário intelectual-político questionando a existência desta díade ou suas modificações que está tão contestada nos últimos tempos. Sugerindo que existe mais coisas entre direita e esquerda do que nossa vã percepção.

## **Capítulo 2: Extremistas e moderados**

O autor inicia o capítulo, usando o exemplo de filósofos, como Nietzsche, no qual foi tratado como inspiradores do Nazismo, e muitas vezes colocado junto a Marx como fundador da esquerda. Vemos, que Carl Schmitt, durante um tempo foi promotor e teórico do estado nazista, na Itália, foi homenageado por diversos grupos e pessoas, dentre os quais, grupos da esquerda, no qual perante um bom tempo era adversário. Há ainda, documento que comprova a simpatia que Heidegger tinha para com o nazismo, mesmo assim, aqueles que o admiram, negam essa causa. Os ambientes que queriam criar uma nova dignidade ao pensamento de direita, Antônio Gramsci vem dizer que essas ideias são “gramscismo de direita”.

Georges Sorel “desempenhou politicamente a função e o papel de inspirador de movimentos da esquerda...” Pg. 68. Por meio dele, nasce a corrente do sindicalismo revolucionário italiano. Sorel tinha dois grandes admiradores, que não eram definidos como pensadores de esquerda Pareto e Croce. Assim, podemos observar que é possível possuir laços, diálogos, respeito entre direita e esquerda, coisa que nos dias de hoje, parece impossível.

Hitler e Alfredo Rocco, eram considerados conservadores e revolucionários, já Sorel revolucionário conservador. Com este exemplo, podemos excluir suspeitas que se faz da simultaneidade de posições de direita ou de esquerda. Assim, podemos ver que autores revolucionários e contrarrevolucionários, pertencem em seus campos, uns na ala extremista, outros na ala moderada, uma sendo contra a outra. Assim, concluímos que a díade extremismo-moderantismo, é diferente da díade direita-esquerda. Assim, estas, obedecem a critérios de diferenças dentro da política. Portanto, é possível ter certos autores em comum, entre revolucionários esquerdistas e contrarrevolucionários de direita, pelo fato destes serem extremistas ou moderados, tanto de direita como de esquerda.

Até então, sabemos que extremistas de direita e/ou de esquerda, têm em comum a antidemocracia, e esta, aproxima-os na medida em que representa o extremismo no

exato momento. Sobre um olhar filosófico, vejamos que, em toda a forma de “extremismo político” há também uma “veia anti-iluminista”, tanto historicista, como irracionalista.

Quando Bobbio trata sobre a moral e a doutrina da virtude, os extremistas das duas margens se encontram, surge motivos para debater contra os moderados. Com a contraposição do guerreiro ao comerciante, surge diversas formas de violência. Concluindo o capítulo, vemos então que há pontos em comum entre os de direita, tanto os de esquerda, quando há o extremismo.

### **Capítulo 3: A díade sobrevive**

Neste terceiro capítulo Bobbio faz uma reflexão muito interessante diante do panorama político Italiano, no entanto podemos utilizar-se desta mesma reflexão para pensar as questões da política brasileira. Porque em sua reflexão é exposto a polarização entre a direita e a esquerda como dois partidos de oposições que se reverterão na governança da política do Estado. Porém o autor levanta a questão para notarmos que esta polarização não é tão óbvia assim, ou seja, estas divisões entre os partidos apresentam intersecções bem intrigantes que devem ser levados em conta quando pensamos em lados opostos. Para Bobbio esta díade se apresenta como uma aparência pois perguntas como “para onde vai a esquerda” ou a “nova direita” são frases pejorativas que em si não tem nenhum sentido já que existem ligações mais profundas que permeiam esta relação de separação.

Por exemplo o autor apresenta dois políticos reconhecidos na Itália por diferenciarem e representarem lados opostos da visão política, para demonstrar que a sociedade tem esta visão sobre a organização de partidos opostos, só que existe no partido de cada um deles parlamentares que de alguma maneira apoiam as ideias de outro partido adversário, o que isto quer dizer? Quer dizer que, não existe partido homogêneo, completamente, mas é possível notar que dentro do mesmo partido existem grupos que são afins do outro partido, gerando assim intriga e discursões dentro do mesmo partido e dessa maneira não gerando uma unidade coesa para uma tomada de decisão unificada. E podemos transferir esta constatação da política italiana muito bem

para a formação da política brasileira, se refrescarmos a memória nos lembraremos que o Lula era um candidato da esquerda, porém o seu vice na chapa era o Jose de Alencar que fazia parte da direita, com esta dupla se conseguiu unir a esquerda e a direita, sem criar verdadeiramente uma unidade concreta do partido vencedor. Isto quer dizer, que tanto a esquerda como a direita, segundo o autor não são límpidas, em um sentido de pureza de coesão, mais são um emaranhado de parcerias que constituem a governança política do Estado.

Um outro dado muito importante que o cientista político observa em sua análise é que também dentro de um mesmo partido podemos observar uma certa fragmentação de ideal, porque enquanto uns dentro de um mesmo partido pensa em renovar ou mudar algumas visões que de um certo modo não comungam com a visão atual da realidade (vistos como tendenciosos a esquerda), outros desejam manter a mesma política por acharem que se mudarem, poderiam colocar em risco a imagem do partido (tendenciosos a direita). Criando assim um paradoxo que cria discórdia e atrito dentro do mesmo partido político. Este paradoxo pode ser observado com o apoio político dos partidos de centro, isto é, aqueles partidos que compõem o cenário político, mas que não são fortes para se alto afirmarem. No entanto tem poder de voto, gerando assim um problema eminente para os dois lados que estão tencionando as decisões políticas do Estado. E desse jeito os partidos que ficam no meio da posição e entre a oposição migram sucessivamente a seu bel prazer, buscando cargos e representatividade na cena política.

Podemos notar como um bom exemplo, a fragilidade do governo no caso sobre a investigação do presidente da república brasileira “Temer”. Quando o presidente fатиou cargos e entregou emendas financeiras para os parlamentares do centrão para não apoiarem a investigação contra ele. Neste caso e visível que o centão não tem lugar para governar. Não existe terceiros, nesta díade, ou seja, o grupo de centrão só apoiam, mais não tem direito de governança, porque já está implícito que a direita ou esquerda tem possibilidade de governar. E Bobbio, chama atenção para o imaginário dicotômico da sociedade que vê lados opostos, mais não mediadores, como por exemplo: amigo ou



inimigo. Sendo assim o centrão é neutro, tendo a possibilidade de ser bem visto ou mal visto por uns dos lados que venham apoiar ou ir contra.

#### **Capítulo 4: Em busca de um critério de distinção**

Antes de dar continuidade à discussão sobre qual posição é mais legítima entre direita e esquerda, deve-se abordar os critérios para qual se afirmam legítimas. Se ambas são usadas para distinguir pensamentos políticos diferentes, mas que julgam defender o melhor, aonde se dá a distinção entre eles?

Este capítulo se aterá a abordar esta questão e apontar de modo imparcial as diferenças entre direita e esquerda. De modo que, os critérios empregados para distinção de ambas se deturparam ao longo da história, ou não seguem os mesmos princípios de suas características originais.

O autor usa o livro de Laponce, *Left and Right, The topography of political perceptions*, 1981, que utiliza de metáforas de ordenação espacial para relacionar com a linguagem política. Laponce afirma que a distinção nasceu na época da revolução francesa e considera que ordenação vertical é forte e a horizontal fraca relação de direita-esquerda.

A ideia principal é entender que as duas posições se contrapõe, porém, em época de luta política se mantém lado a lado, representando ideias diversas e mantendo sua essência alternativa a outra. Embora percebe-se que a ordenação vertical seja mais forte, ela não elimina a horizontal, mesmo em épocas extremas uma pode exercer mais poder em relação a outra, entretanto deve se destacar a importância das duas coexistirem e preservar posições distintas.

Outro ponto importante na democracia é quando há eleições e esses dois grupos se interpõe, de maneira que um se torna a alternativa oposta do outro, observa-se que esse movimento não é apenas efeito das eleições, mas sim do sistema eleitoral, que cria um dualismo na sociedade, em relação a qualquer assunto público haverá sempre a maioria e a minoria.

Bobbio também cita Carl Schmitt para reforçar a teoria de que o dualismo político está presente além desta ou qualquer forma política, mas que deve haver a relação de "amigo-inimigo", o que Laponce não aborda mas tenta ser imparcial, e mostrar a importância da coexistência de ambos. Carl Schmitt defende a ideia que direita e esquerda devem ter conotação positiva ou negativa de acordo com as ideologias empregadas e os movimentos que representa cada uma das posições, a relação com os termos do que é positivo e negativo se auto afirmam quando se lembra da história em que direita é algo bom e esquerda mau. A univocidade de ambos não deve existir uma vez que os valores são diferentes e as conotações são empregadas diariamente.

As tendências ideológicas atuais se constituem entre religião e política em que ambas representam momentos positivos e negativos da história, a força da esquerda é decorrente da negatividade representativa que a política, desenvolvendo uma correlação natural perversa entre positividade da esquerda e negatividade política. " A distinção entre direita e esquerda se resolve em última instância na distinção entre sacro e profano, no interior da qual se encontram seu posto outras diferenças, como aquela entre postura tradicionalista favorável a continuidade e postura aberta ao novo ou progressista, favorável a ruptura a descontinuidade." (Pg 93.)

Contudo pode se relacionar a direita com religião e a esquerda com ateísmo, em que a princípio se entrelaçam com a teoria de Laponce onde está distinção se projeta entre ordenação vertical (direita) e ordenação horizontal (esquerda). Ainda se for mais a fundo nas pesquisas de Laponce pode se verificar que os resultados não condizem com a realidade dos fatos relacionado ao movimento direita e esquerda, juntamente com a neutralidade que ele aborda ambos. A religião exerce um papel ativo nas relações políticas e que se confrontada em uma luta de que lado exerce maior legitimidade a religião sempre ganhará. Em relação a identidade da direita, existe a reacionária que é ligada a religião e a direita pagã que utiliza a religião como instrumento não como valor, mantendo um moderantismo e uma visão laica da política. Por fim também é errôneo pensar que o movimento de esquerda por ter base em uma ideologia igualitária não tenha valores religiosos, Nietzsche já havia pensando que o igualitarismo juntamente com a

democracia, socialismo e suas variáveis políticas são predicados da religião cristã logo não se sustenta esse pensamento.

### **Capítulo 5: Outros critérios**

Bobbio salienta que o pensador Dino Cofrancesco faz uma leitura desta díade bem interessante porque ressalta que pode haver de fato uma confusão e até uma perda da clareza o que seria esquerda e direita, porém é preciso observar que tanto a esquerda como a direita guardam certos sentidos que não se perderam e podem ser vistos no discurso atual. Se prestamos atenção poderemos notar que a direita presa pelo tradicional, pela permanência de valores e ideias que são caras ao posicionamento de seus seguidores. Ao inverso se tem a esquerda que mantém um ideal de emancipação que de algum modo constroem novamente a díade de esquerda e direita, mesmo sem ter pontos fixos que possa nortear num primeiro contato.

Nosso autor observa que Dino enxerga que a corrente direitista apresenta vieses bem interessantes seguindo acepções do ideal da direita, como: existência de uma época em particular; ser fiel a nação; a memória histórica; como comunidade e o destino (progresso). Nesta perspectiva Bobbio entende que a proposta do autor supra citado não é de fazer um catálogo de acepções ou um manual onde possa ser enquadrado as várias correntes que possa enquadrar as manifestações políticas, mas de compreender modos possíveis de entender esses movimentos diante da direita ou esquerda como proponentes eminentes. Deste modo Bobbio entende que se Dino observa historicamente essas correntes ele compreende que existe uma mentalidade que orienta as suas ações para além do partido político de direita ou de esquerda. Ficando claro que os apoiadores de direita são a favor da tradição em seu sentido histórico de permanência no tempo, em um sentido de buscarem o passado como referência para o futuro, já os de simpatia esquerdista busca a emancipação desta tradição que sempre valorizou a estagnação, em um sentido de permanência dos *status quo*.

Desta maneira pode se notar a priori a existência de um confronto de opiniões no sentido de visão de mundo. E nisso Bobbio percebe que a direita e esquerda permanece velada, mais atuante no cenário político. Todavia, Dino não esconde que ambas as

partes de contraposição foram capazes de produzirem: o militarismo; o laicismo; o anticomunismo; o individualismo; o progresso técnico; o recurso à violência. Em contrapartida, segundo Dino, existem valores instrumentais que de algum modo também compõem ambos os lados como: liberdade e autoridade; bem-estar e austeridade; individualismo e anti-individualismo; progresso técnico e progresso artesão. Além de perceber estas especificidades que surgem da direita e da esquerda, Dino acrescenta que existem derivados da mentalidade de ambas que podem ser nomeados como romântico ou espiritualista e clássica ou realista. Porque, se a primeiro oposto busca criticidade da realidade, o segundo oposto enfoca o lado sentimental. E Dino entende que depois da revolução francesa podemos notar seis ramificações que se dividem nestes dois aspectos enunciados acima, como por exemplo: da clássica surgem, o conservadorismo, o liberalismo, o socialismo científico; da romântica podemos elencar, como exemplo: o anarco-libertarismo, o fascismo e o tradicionalismo. Dino após constatar a partir das ideologias precedentes que são oriunda da oposição direita e esquerda, indica a existência de utilizações bem peculiares que se confundem, devido terem nascidos de lugares que não tem um ninho reconhecível de imediato para seu desenvolvimento. Isto é, existe ideologias que são de direitas mais são utilizadas pela a esquerda e vice-versa, fazendo com que não se tenha clareza diante das ideologias e de seu posicionamento original.

Segundo Bobbio, Dino tem uma leve tendência ao clássico, mais tenta ser imparcial para não impregnar sua análise política, mais segundo nosso autor a reflexão de Dina traz grande clareza para a discursão sobre a díade direita e esquerda. Mesmo diante da salutar análise de Dino, nosso autor observar com muita acuidade que a oposição que é apresentada não demonstra tudo o que poderia ser pensada. Esta oposição que Dino apresenta como: Tradição e Inovação, segundo nosso autor deixa de fora algumas outras ideias que o termo direita e esquerda conseguem dar conta e cooptar na hora de serem analisadas. Bobbio desejando ampliar sua reflexão sobre os termos direita e esquerda, entra em diálogo com outra pensadora Elisabetta Galeotti para discutir e oxigenar melhor sua ideia.

Segundo Galeotti, antes de pensar direita e esquerda, devemos pensar em como estes termos são utilizados, ou seja, em qual contexto são manipulados para transferirem algum tipo de informação. Para a pensadora podemos distinguir a utilização deste termos em quatro, como por exemplo: a linguagem ordinária, a linguagem da ideologia, a análise histórico-sociológico e o estudo do imaginário social. Bobbio ressalta que esta pensadora caracteriza como traço marcante da direita sua conotação “hierárquica” e da esquerda a acentuação a luta pela “igualdade”. Tanto um termo como outro utilizado pela pensadora citada acima, segundo nosso autor não dá conta da abrangência que os termos direita esquerda conseguem abarcar, porque, poderíamos pensar em contraste de igualdade e desigualdade e não de hierarquia.

Esse problema é visto por Bobbio como sendo da linguagem política, já que não apresenta uma definição clara e muito menos definitiva, e sim demonstrando uma grande probabilidade de ser ambígua e ambivalente, e propensa a uma valorização dependendo da necessidade de serem utilizadas. Isto é, podemos pensar em palavras que são utilizadas de várias formas e com tipos de conotação diferentes, dependendo da mensagem que desejamos passar, uma exemplo interessante e a palavra crítica, para alguns é entendida como uma palavra que conota reflexão e para outros como um sentido do lado do contra, que não deseja que as coisas andem bem. Neste sentido podemos entender como a díade direita e esquerda gera tanta discursão, reflexão e análises, por parte de tantos autores que observam estes opostos de tantas maneiras.

Nosso autor sugere que poderíamos pensar em uma direita moderada e outra subversiva, e assim sendo aplicada a esquerda da mesma maneira para conseguir dar conta das nuances no mesmo campo de atuação. Já que os tempos são outros. Mesmo que a pensadora Galeotti perceba que é preciso entender direita e esquerda levando em consideração aqueles quartos modos de compreender a utilização dos termos contextualmente, surge a preeminência do diverso, ou seja, o diverso causa uma imparcialidade entre os oposto, porém não se anulando e muito menos anulando os opostos. O que isso quer dizer? Segundo Bobbio, mesmo que se tenha dado espaço para o diverso, surge a questão eminente de como possível saber o que é diverso? E,

qual seria o critério mais adequado para separar o igual do diverso? E como seria tratado este diverso? Bobbio identifica estas questões como positivas já que possibilitou a emersão da mulher pelo movimento feminista tanto na esfera política, na esfera da casa e na esfera do trabalho. Mais isso não seria igualdade de oportunidade? Numa relação igualdade e desigualdade. Tema fortemente polêmico. Abarcado completamente pelos termos direita e esquerda?

Um outro autor Marcos Revelli citado por Bobbio percebe esta nuance quando entende que esta díade não apresenta conceitos absoluto, por seres relativos. Para Revelli são conceitos que se constroem em um espaço político, por isso, apresentam modificações tanto no tempo com nas situações a serem utilizados. Segundo Revelli estes conceitos são contrapostos devido não poder ser dito sou de direita e de esquerda ao mesmo tempo, mais e preciso definir um lugar do qual se posiciona tanto ser de direita ou de esquerda. Neste sentido a oposição entre direita e esquerda segundo Revelli não apresenta uma contradição já que são lugares e posições que são compartilhadas e por isso, podem ser de direita ou de esquerda um ou outro. E não uma ideia de completude, pois se existe completude de um contra o outro não existira oposição e sim totalitarismo.

## **Capítulo 6: Igualdade e desigualdade**

Trata-se neste capítulo uma reflexão acerca de melhor compreender e distinguir o que seria na verdade a igualdade e a desigualdade na visão de Bobbio. Dentro da temática discutida se possível perceber o contexto e ao mesmo tempo fazer distinção de visão do que tal conteúdo traz. Acontece que dentro dos contextos sociais houve uma aproximação entre os opostos. Aqui literalmente os opostos se atraíram, o que no passado foi uma guerra ideológica o qual ambas defendiam ser adversários não mudou muito, a não ser que souberam observar os pontos em comum e hoje se tem meio que não abertamente falando uma aproximação dos antigos inimigos para criar um sistema ou aparentar uma ideologia do bem, porém que se distingue em muitos aspectos e em alguns detalhes.

Bobbio, explica que tais diferenças estão contextualizadas em um conceito e para melhor entender se faz necessário saber a principal diferença que interfere no pensamento de cada corrente a ser seguida dentro do passo que a direita tem uma visão e a esquerda também. Então o autor afirma que a grande chave mestra de abertura do entendimento entre eles estão na seguinte questão; a forma como as pessoas devem ser tratadas e vistas e que a diferença primária disso está voltada entre os princípios da desigualdade e da igualdade.

Para a DIREITA as pessoas devem ser tratadas de acordo com seu status social, ou seja, há homens diferentes e por isso devem ter tratamento privilegiados e diferenciado para não serem confundidos. Na visão e linha de pensamento da ESQUERDA defende que todos os homens são iguais e merecem ter o mesmo tratamento e se tiver que ter privilégios que sejam os mesmos, tudo em comum.

A esquerda segundo sua ideologia e adeptos é vista como mais igualitária, e na visão e dos seguidores da direita como menos igualitária, porque defende o que já citado acima uma hierarquia de privilégios isso uma apresentação dentro da ideologia e fala de cada um destes movimentos, ou nas palavras do próprio Bobbio, o qual ele dá uma definição mais acertada sobre o assunto que ele vai dizer que: “A diferença entre direita e esquerda não se manifesta sob forma de tensão entre uma igualdade de direita e uma igualdade de esquerda, mas com base no diverso modo em que é concebida respectivamente pela direita e pela esquerda, a relação entre igualdade e desigualdade. (...) a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção. Disso se segue que, para essa pessoa, qualquer forma de desigualdade precisa ser de um modo justificada, ao passo que, para a pessoa de direita, vale exatamente o contrário, ou seja, que a desigualdade é regra e que, se alguma relação de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada”.

Logicamente, a esquerda segue alguns parâmetros e critérios para não servir de mera utopia e desmerecer todo trabalho de defesa do mesmo, todos os homens são vistos como iguais em toda essência do mesmo. Com isso Bobbio diz: “Afirmar que a esquerda é igualitária não quer dizer que ela também é igualitarista”. Com esta afirmação pode-se tirar a conclusão que o igualitarismo é o homem ser ou melhor ter igualdade de todos em todos os aspectos. Fazendo assim a distinção entre: doutrina igualitária que se prende com a redução das desigualdades naturais e o igualitarismo (“igualdade de todos em tudo.” pág. 100 e 101). Neste capítulo nas páginas supracitadas acima. Bobbio com este tema “Igualdade e desigualdade” trabalha a forma de como fazer distinção entre uma e outra no intuito de apresentar qual o critério e o que envolve o homem dentro do ser social.

Logo na introdução Bobbio faz apresentação da característica principal para diferenciar de fato o fator chave. Critério: o que o Homem enquanto ser social, têm perante os conceitos de: igualdade, liberdade e paz, e como tal ser interpreta e diferencia cada uma dentro de seu real conceito e contexto. Entende que a igualdade pode ser resumida das seguintes formas: A repartição de bens e obrigações da mesma forma. Os tipos de bens e obrigações a serem repartidos. E os critérios do porquê deve ser feito das repartições. Porque no caso igualdade e vista como relativa.

Com isto Bobbio faz a seguinte pergunta para salientar a questão: "Igualdade sim, mas entre quem, em relação a quem e com base em que critérios?" A grande dificuldade da esquerda e da direita estar como distinguir entre as desigualdades sociais e as desigualdades da não escolha que se pode chamar de naturais, o qual podem ser minimizadas, mas sem elimina-las, em contrapartida quando se trata de desigualdade social sabe-se que tais podem ser eliminadas e não somente minimizadas. Referente a desigualdade social tem-se uma porcentagem gigantesca do status social e da realidade que não depende somente do indivíduo em questão. Aqui já entra outros fatores que contribuirão para tal depreciação e incomodo para existir tal fato. Neste caso entra questões familiares, região de nascimento e os frutos do sistema que não permite a acessão social deste indivíduo na sociedade, gerando distinção, e



influenciado como o sujeito individuo deve ser tratado ser com um olhar igualdade ou de exclusão dentro de uma visão política.

Dentro da percepção de cada um veremos que os igualitários abrem a relevância aquilo que une os homens e por isso percebe que todo os problemas da desigualdade é o social por isso ver com otimismo a possibilidade de elimina-los. Os inigualáveis em sua percepção verifica que os homens são iguais e desiguais e prefere ver o que difere, considerando que o mais importante não é o que os une, mas sim os que deixa alguém de se misturarem. E dentro desta questão não cogitam a possibilidade de eliminarem as desigualdades afinal consideram tudo isso como desigualdade natural, não é o princípio do mesmo como é possível observar. Bobbio traz um exemplo específico que foi: “O movimento feminista foi um movimento igualitário. (...) um dos seus temas preferidos sempre foi (...) o reconhecimento de que as desigualdades entre homens e mulheres, embora tendo raízes na natureza diferente, são um produto de costumes, leis, imposições do mais forte sobre o mais fraco e são socialmente modificáveis. E assim Bobbio conclui: “Pretendo simplesmente reafirmar a minha tese de que o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de “esquerda”, e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os Homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.”

## **Capítulo 7: Liberdade e autoridade**

No capítulo 7 do livro esquerda e direita o autor Norberto Bobbio fala da igualdade como ideal supremo ou último, de uma comunidade justa e feliz, portanto ele fala do ideal supremo como de um lado aspiração perene dos homens conviventes e do outro como temas constantes das teorias e ideologias políticas e que estas estão habitualmente acopladas ao ideal de liberdade. Segundo o autor, na popular injunção que “todos homens devem ser iguais” tem um significado puramente sugestivo, tanto que qualquer

problema referente a igualdade, não pode ser corretamente apresentado se não responder as três questões: “Entre quem é a igualdade? em relação a quê? e qual é o critério?”. Do mesmo modo a injunção “todos os homens devem ser livres”. Ele fala que a frase tem um significado puramente emocional se a liberdade não for exatamente para todos. Em segundo lugar ele fala que deve-se estabelecer o que se entende por “liberdade”, pois uma coisa é liberdade de querer a qual se refere o livre arbítrio, outra coisa é a liberdade de agir, que dela se distingue, diversos sentidos, tais como a liberdade negativa e a liberdade de agir propriamente dita e a liberdade como autonomia ou obediência às leis que cada um prescreve a si mesmo.

Portanto nesse ponto de igualdade e liberdade, deve-se entender qual é o tipo de liberdade e o tipo de igualdade que está sendo dita, pois vivemos num sistema econômica que divide as classes sociais do país. E sendo assim, o que serve para uma determinada classe, não serve para outra. E o autor menciona isto, pois a liberdade do rico é diferente da liberdade do pobre isso no sentido econômico. Pois a liberdade de querer se refere ao livre arbítrio, ou seja, é a liberdade de escolha no sentido da vida. Portanto esta é uma liberdade que pode ser dita de todos, embora acredito que ela seja afeta pela liberdade econômica. Pois vivemos numa sociedade cujo seu regime é capitalista e sendo assim, há uma divisão de classes, onde as escolhas de vida são influenciadas diretamente pela vida sócio econômica que o cidadão possui.

Um cidadão que possui um capital econômico baixo, ou seja, aquele cidadão que trabalha e ganha um salário que mal consegue suprir suas necessidades básicas familiar, não tem muito direito de escolha na hora de tocar a vida, pois sua situação econômica não permite deslumbrar uma melhor condição social. Há, portanto, um cárcere econômico nesse sentido, que prende o cidadão e com efeito dificulta suas escolhas de vidas. Diferentemente do cidadão que tem uma condição econômica favorável, pois este terá muito mais liberdade econômica e assim sendo, terá uma maior liberdade de escolha na hora de tocar sua vida.

Dando continuação no capítulo, o autor vai abordar um exemplo de como uma forma de igualdade que pode ser bom para uns e por outro lado pode não ser boa para

outros. Ele fala que se uma norma igualitária impusesse a todos os cidadãos a utilização unicamente dos meios de transporte público para facilitar o tráfego, essa norma ofenderia a liberdade de escolha do meio de transporte preferido. Portanto nesse ponto o autor nos evidencia como é difícil esta questão de igualdade, pois aos mesmo tempo que pode ser benéfico para uns é prejudicial a outros. Privando assim um direito de escolha.

Portanto, o autor fala que a igualdade acaba limitando a liberdade tanto do rico quanto do pobre, mas havendo um adendo: o rico perde sua liberdade usufruída efetivamente, já o pobre perde uma liberdade potencial. Ou seja, o rico é limitado a liberdade que ele acostumou ter pela sua condição favorável que lhe prestigia. O pobre é limitado potencialmente a ter essa mesma liberdade para usufruir. Portanto o mesmo princípio fundamental da forma de igualdade da doutrina liberal, a qual todos homens têm direito, implica que cada um limite sua própria liberdade, para torna-la compatível com a liberdade de todos, de modo que o outros não usufruam da sua mesma liberdade. Portanto para haver igualdade, todos devem abrir mão da liberdade plena. Com efeito limita-se para que haja uma igualdade para todos. Esse trecho nos remete ao pensamento de Hobbes, sobre o pacto, onde o sujeito abre mão de uma liberdade, para prosperar num futuro. Ou seja, ele abre mão aqui, para ganhar lá na frente.

O autor fala que os conceitos de liberdade e igualdade não são simétricos. Porque enquanto a liberdade é um status pessoal, a igualdade indica uma relação entre dois ou mais entes. O que justifica esse pensamento segundo o autor, além de tudo que já foi dito em referência a isto é que a liberdade é um bem individual enquanto o igualde é mais um bem social. Para o autor esses valores supremos da igualdade e liberdade e sobre a relação entre ambas são um passo ulterior que ele considera necessário para definir o que é direita e direita no critério de igualdade e desigualdade.

Para finalizar esse capítulo, o autor explica o que é esquerda e direita e suas diferenças. Contudo a maior diferença está em suas extremas, tanto da direita quanto da esquerda. Uma vez que é a diferentes posturas diante da liberdade que se separa esquematicamente no espectro que se colocam doutrinas e movimentos políticos em seguintes partes: na extrema esquerda estão os movimentos simultaneamente

igualitários e autoritários. No centro esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, que no caso é o que é hoje chamado de socialismo liberal. No centro direita, doutrinas e movimentos simultaneamente libertários e igualitários, no qual se insere os partidos conservadores, que se diferenciam das direitas racionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que se prendem na igualdade diante da lei. Na extrema direita, doutrinas e movimentos antiliberais e anti-igualitários, dos quais o autor acredita ser supérfluo, que no caso ele faz analogia ao fascismo e nazismo.

Concluimos dizendo que o autor as diferenças entre os dois ideais, que aparentemente são diferentes, mas, no entanto, bem iguais em suas complexidades respectivas de propostas e práticas. No fundo sempre haverá problemas em suas práticas exercidas, ou seja, os dois lados como já vimos na política, nunca chegaram ao ideal supremo de governabilidade para todos, pois ambos afetam o lado da liberdade e igualdade de alguma forma.

## **Capítulo 8: A estrela polar**

O igualitarismo é um dos principais ou principal característica da esquerda, comum tanto dos comunistas aos socialistas, eles consideraram a propriedade privada um dos maiores, senão o maior obstáculo para tal igualdade. Eles descrevem uma sociedade coletivista, Jean-Jacques Rousseau irrompe no primeiro homem que declarou “isto é meu!”; a origem da desigualdade entre os homens. A esquerda sempre lutou para a abolição da propriedade individual e coletivização dos meios de produção, este foi o ideal de igualdade. A política de nacionalização caracterizou alguns partidos de esquerda, lutaram para diminuir a fonte de desigualdade. A distinção de ricos e pobres introduzida pelo direito a propriedade privada não foi a única causa de desigualdade, pois ainda há a desigualdade entre homens e mulheres, trabalho manual e intelectual, povos superiores e inferiores.

A utopia igualitária que foi programada na primeira tentativa comunista, traduziu-se em seu contrário, uma espécie de “utopia invertida”. Até mesmo quando Platão propõe

uma república ideal, sabia que era verdadeira apenas em seus discursos, a tentativa dos comunistas de colocar a sociedade igualitária em prática, virou uma utopia invertida.

A igualdade, de certa forma é ameaçadora para aqueles que detêm grandes patrimônios, principalmente nos países de Primeiro Mundo que adquire as condições dos países de Terceiro e Quarto Mundo. Na Europa ocidental dois terços da população tem um bem-estar social, mas na maior parte dos países, quarto quintos, ou até nove décimos não são de abundância e sim de miséria. A distinção de direita e esquerda, ainda é importante, pois o ideal de igualdade da esquerda, sempre foi a *estrela polar* a ser contemplada e seguida, principalmente na questão social internacional em que a esquerda mal começou o seu caminho.

Nobbio suspende seu juízo de valor. No lado da direita, a igualdade pode ser vista negativamente como nivelamento e a desigualdade positivamente como reconhecimento da singularidade de cada indivíduo. Na democracia, os ideais mesmo que divergentes, são ambas respeitáveis e como dito por Luigi Einaudi, “os dois homens, ainda que se hostilizando, não são inimigos; pois ambos respeitam a opinião alheia e sabem que existe um limite para a aplicação do próprio princípio. O ótimo não se alcança na paz forçada da tirania autoritária; constrói-se na luta contínua entre os dois ideais, nenhum dos quais pode ser subjugado sem danos comuns”.(EINAUDI, Luigi.Prediche Inutili. Dispensa quarta. Torino, 1957. p. 218,237,241).

O impulso em direção as igualdade dos homens é cada vez maior, pois as três principais fontes de desigualdade: a classe, a raça e o sexo, estão gradativamente seguindo um rumo para igualdade. Mas poder-se-ia, também pensar que esta igualdade está num ponto em que não se restringe na espécie humana, pois vem sendo implantado debates sobre liceidade da caça, proteção aos animais em perigo de extinção, o vegetarianismo. Uma extensão da igualdade, pois os animais são iguais aos homens pelo menos na capacidade de sofrer?

A questão em que o autor trata da identidade da esquerda como uma espécie de busca por uma igualdade dos homens, de certo, é algo que devido ao bem-estar social que causaria e a solução de certos problemas, como a queda da taxa de criminalidade

gerada pela desigualdade de classes é um ponto crucial para a melhoria da estrutura social de nosso país, principalmente neste embate atual que vivemos de divisão política em dois polos, em que não procura-se resolver os problemas e sim demonstrar uma ideologia superior a outra. A questão da imigração ilegal baixaria, devido aos moradores de uma país em que não tem uma grande desigualdade social, se não houvesse tal fato, não teriam números grandes de pessoas saindo ilegalmente para buscar uma condição melhor.

Há também que se pensar a questão da identidade, pois numa sociedade ideal, todos deveriam ter as mesmas condições aos direitos básicos para uma vida digna, como moradia, saúde, educação, entre outros, entretanto sem uma padronização autoritária. No ponto que o autor fala de que a sociedade caminha para uma convergência na igualdade, é um ponto tanto que equivocado, pois mesmo que as minorias tomam cada vez mais consciência e lutam por seus direitos, também gera uma contra partida dos que detêm tais privilégios, que não vão aceitar perdê-los, ainda mais pelo fato que estes controlam grande parte do capital (principalmente a elite, classe dominante), sendo assim, possuem certo poder nos meios de comunicação, classes e partidos políticos. Mas poder-se-ia dizer que pelo menos o ponto da conscientização de parte dos grupos é um primeiro passo para tal, entretanto é um longo caminho a ser seguido.